



VINICIUS DE MORAES AOS MOLDES DA IMPRENSA FEMININA: CORRESPONDÊNCIA PUBLICADA EM *FLAN – O JORNAL DA SEMANA*

Aline Silveira Tasmerão (ProPEd/UERJ)

aline.tasmerao@gmail.com

Telma Amorgiana Fulane Tambe (ProPEd/ UERJ)

tambetelma@gmail.com

O olhar atento e curioso do historiador para a mídia impressa começa a apontar profícuos caminhos para a investigação historiográfica ao longo do século XX. Em consonância com Martins e Luca (2008) entendemos que a imprensa é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto da história. Por esse viés, “o debate em relação ao uso dos impressos periódicos ganhou especial destaque nas últimas décadas do século passado.” (MARTINS; LUCA, 2008, p. 13). Hoje, os estudos de história da educação têm se beneficiado de transformações mais amplas na área da história cultural “(também política e social) que se tem dedicado a recortar o tema das práticas da leitura e escrita, bem como a dar especial atenção à questão de gênero.” (GOMES, 2004, p.9).

Assim, nesse trabalho investigamos a coluna *Abra o seu Coração*¹ publicada no periódico *Flan: o jornal da semana* em que Vinicius de Moraes, com o heterônimo² de Helenice, prescreveu conselhos amorosos aos seus correspondentes entre abril e novembro de 1953. Tal faceta desse intelectual costa em depoimentos³ e biografias⁴. Contudo, ainda foi pouco problematizada pela academia.

¹ Este trabalho está atrelado ao Projeto de Mestrado “*Abra o Seu Coração: Educação sentimental nas páginas de Flan – o jornal da semana*” em curso no ProPEd/ UERJ. Dialoga com a produção no âmbito do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura e Educação (UERJ/ CNPQ) do qual as autoras fazem parte, coordenado pela Professora Doutora Márcia Cabral da Silva.

² Para ilustrar o conceito de Bourdieu “ilusão de unicidade do eu”, Verena Alberti (2000) cita heterônimos de Fernando Pessoa. Então, explica que: “Heterônimo não é o mesmo que pseudônimo, não se trata de produções de Fernando Pessoa publicadas com nome falso. Heterônimos são personagens construídos por Pessoa que pensam diferente dele e têm estilos diferentes.” (ALBERTI, 2000, p.4)

³ Ver: MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Embaixador do Brasil*. Brasília, 2007.

A correspondência de cunho sentimental publicada na coluna apresenta uma diversidade temática que envolve casos de amor não correspondido, questionamentos sobre namoro, noivado ou matrimônio, também moda, beleza entre outros assuntos. Ao todo, 184 cartas, somando correspondência ativa e passiva, foram publicadas nesse período. Sabe-se que nas décadas de 1940 e 1950 outros intelectuais também assinaram consultórios sentimentais assumindo heterônimos a exemplo de Clarice Lispector⁵ e Nelson Rodrigues⁶.

O semanário *Flan* pertenceu ao grupo *Última Hora*, fundado e dirigido por Samuel Wainer. Com projeção nacional promoveu a mensagem política do governo Vargas durante os anos de 1953 e 1954 (WAINER, 1987)⁷. O periódico pode ser considerado um dos introdutores da indústria cultural no Brasil (GOLDENSTTEIN, 1987; SIQUEIRA, 2003; QUELLER, 2013).

Buitoni (1986) infere que as seções femininas dos jornais impressos pareciam receber pouca atenção desses veículos na década de 1950, ao contrário das revistas que se tornavam cada vez mais especializadas em atender ao público feminino desde a mais tenra idade até à velhice. Contudo, o semanário *Flan* foi pensado de modo a atingir toda família. Segundo Wainer (1987), o jornal foi projetado no formato de uma revista com apelos imagéticos e conteúdo próximo das questões do dia a dia. Sua primeira edição foi publicada em abril de 1953. Nela é anunciado que: “Cada sala de *Flan* estará trabalhando diariamente

⁴ Referimo-nos à biografia: CASTELLO, José. *Vinicius de Moraes O poeta da paixão: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras. 2013. Também ao site institucional que relata a vida e obra do intelectual, a saber: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/vida> (Acesso 08 de abril de 2016). Ressaltamos que em biografias mais populares tal faceta de Vinicius de Moraes não é mencionada: FERRAZ, Eucanaã. *Folha explica: Vinicius de Moraes*. São Paulo: Pubilifolha, 2008. ; CASTELLO, José. *Vinicius de Moraes. uma geografia poética*. Rio de Janeiro: Relume, 2005.

⁵ Ver: ARAÚJO, Marta Milene Gomes de. *Clarice Lispector e seu papel como cronista: da futilidade das páginas femininas à epifania do texto literário*. [dissertação] Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Letras; 2011.

⁶ Ver: ZECKLINSKI, Beatriz Polidori. *Imagens do Casamento e do Amor em Nelson Rodrigues: um estudo das representações de gênero na literatura publicada em jornal entre 1944 e 1961*. [dissertação] Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Curso de Pós-Graduação em História; 2006.

⁷ Autobiografia póstuma de Samuel Wainer publicada na década de 80. O depoimento original foi gravado por Wainer e confiado ao jornalista Augusto Nunes, que organizou a sua publicação em livro. Ver: WAINER, Samuel. *Minha Razão de Viver: Memórias de um Repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1989.

para os seus leitores, leitoras de tôdos os sexos, de tôdas as idades. Faremos sempre questão de chegar à sua casa, Prezado Leitor (...)”⁸.

Desse modo, o primeiro caderno do semanário era direcionado a homens com notícias políticas do Brasil e do mundo, a exemplo da seção *Retrato do Brasil* assinada por Augusto Frederico Schmidt, contando ainda com correspondentes internacionais como Justino Martins, na Europa, com a coluna *O Mundo sem mistérios*, Paulo Frischauer correspondente nos Estados Unidos e Andrés Guevara na Argentina. Já o segundo caderno destinava-se a mulheres, em seu conteúdo continha crônicas, assuntos de moda, cinema, teatro, arte e outros e nele situava-se a coluna *Abra o seu coração*. O terceiro e o quarto cadernos eram recomendados ao público infantil, o terceiro continha jogos, desafios, histórias e entretenimento, o quarto notícias de esporte. Na primeira edição do periódico é advertido ao público que os cadernos não são estanques para tipos de leitores. “Há de tudo para todos em cada caderno de FLAN. Passe as páginas e veja se não é assim.”⁹

Nesse contexto, aqui problematizamos quem foi a conselheira Helenice, a partir de pistas encontradas nos relatos de *Abra o seu coração*. Assim, nosso interesse recai sobre as práticas que expressam os projetos e desejos instituídos a partir do discurso da conselheira, práticas discursivas que delimitam o “ser mulher” e o “ser homem” nos anos 1950. Interessa-nos saber como ocorre a construção de si do heterônimo Helenice como sujeito de moral através de suas práticas (FOUCAULT, 2012).

Para tanto, interrogamos como era a relação familiar da conselheira com o marido e com os filhos; como ela manifestava sua religiosidade nas prescrições às leitoras e aos leitores; por quais espaços a conselheira circulou dentro e fora do Brasil. De igual modo, são pertinentes à nossa análise as características de sua profissão como colunista de jornal, os livros e autores que lia, quais foram as suas referências musicais e os demais elementos que constituem a subjetividade da conselheira.

Com Roger Chartier (2011), assumimos que as representações veiculadas no impresso têm uma energia própria capaz de persuadir seus leitores, segundo a qual o real corresponde ao que elas dizem e mostram. Essa visão ajuda nos a pensar na dinâmica das

⁸ Coluna *Flan escreve ao leitor* apresenta o periódico ao público em sua primeira edição. (*Flan*, 12-19 abr. 1953. *Flan escreve ao leitor*, p.2)

⁹ *Flan*, 12-19 abr. 1953. *Flan escreve ao leitor*, p.2

representações sobre leitura e leitores existentes nas práticas discursivas de *Flan*. Se por um lado, na mídia impressa a produção editorial discursiva conceitua civilidade, desejos que legitimam e instituem padrões, por outro, podemos conceber a leitura como uma forma de resistência às estratégias empregadas por determinados agentes inscritos nessas práticas, para imposição de uma representação a ser apropriada pelos leitores-consumidores. (CHARTIER, 2009, 2011; CERTEAU, 2007)

Ademais, este trabalho dialoga com os estudos autobiográficos nas fronteiras tangíveis com os estudos sobre formação de leitores, estudos de gênero e a História da Educação.

TECENDO O PERFIL DE HELENICE: REPRESENTAÇÕES DA CONSELHEIRA SENTIMENTAL

Intentamos nos aproximar do perfil da conselheira Helenice ao observarmos pistas da história de sua vida a partir do diálogo estabelecido entre ela e seus correspondentes na coluna *Abra o seu Coração*. Assim sendo, não podemos perder de vista a natureza de nossas fontes: cartas publicadas em jornal. Posto isso, compreendemos que tais fontes são de caráter público apesar de tensionadas por questões de cunho pessoal e sentimental.

Entendemos que as cartas participam de uma relação de interlocução entre destinatário e remetente “uma troca, um jogo interativo entre quem escreve e quem lê” (GOMES, 2004, p.19). Assim sendo, percebemos que a produção e a troca de cartas podem ser pensadas como práticas culturais pelas marcas, gestos e atitudes que os sujeitos tanto imprimem quanto deixam impressas. É com o destinatário que o remetente vai estabelecer relações configuradas a partir de modelos e códigos de interesse socialmente construídos.

A carta demanda um distanciamento entre os interlocutores, que é espacial e temporal e demanda um distanciamento entre o autor e os acontecimentos a que a carta remete. Como escrita, sempre é um ‘sucesso’, um acontecimento que remete a outros acontecimentos sobre os quais reflete. Na carta realizam-se projetos de dizer. (CAMARGO, 2000, p.87)¹⁰

¹⁰ Tese de doutorado em Educação defendida em 2000 na UNICAMP analisa a correspondência trocada entre duas adolescentes no período de 1990 a 1996. Na leitura do material destacam-se: a materialidade da correspondência, as cerimônias e rituais epistolares, os procedimentos a que as correspondentes recorriam, as maneiras como se enlaçavam enquanto autora-locutora e destinatária leitora; os assuntos tratados quando se pôs em evidência a vivência escolar; e os modos como compunham sua comunicação estreitando laços pela interlocução.

Nessa vertente, assumimos que os correspondentes da coluna têm consciência de que o semanário *Flan* é publicado em âmbito nacional, portanto, mediam seu discurso ao registrarem suas histórias de vida ainda que entrecobertos por um pseudônimo ou heterônimo. Não nos cabe aqui uma busca incessante pela dita “verdade”. Para isso, Foucault (2011) alerta nos que “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (p.52). Contudo, representam jogos de poder, desejos e intencionalidades.

Tal noção pode ser ampliada por Blas (2003) ao inferir que a correspondência expressa uma representação de uma forma de vida concreta, isto é, o reflexo de uma maneira de se pensar e conceber o mundo. Trata-se, portanto, de uma representação da sociedade em que foi produzida. Assim sendo, percebemos que a correspondência como fonte historiográfica apresenta indícios de uma cultura e vestígios das práticas sociais da época em que o sujeito se insere. “Esses usos do escrever subjetivo e existencial, de configuração da identidade privada e ao mesmo tempo da memória coletiva, nos conduzem ao fenômeno que vem sendo denominado escrita do cotidiano” (BLAS, 2003, p.30)¹¹.

Na primeira edição da coluna a conselheira convida seus leitores a lhe remeterem cartas:

MEU TRISTE LEITOR, MINHA INCONSOLÁVEL LEITORA

[...] Eu venho também de grandes sofrimentos e amarguras. O mundo das sombras do espírito e das doenças da alma não tem segredo para mim. Foi o fato de sofrê-las que me deu o dom de ajudar o meu semelhante. [...]

Eu sei que o mundo é triste, que o ser humano é frequentemente duro e impiedoso, e que o caminho de uns só deixa abismo no caminho de outros. Sei que às vezes o pensamento daquele que sofre só encontra consolo na idéia de Deus ou da morte! Sei que às vezes se olha à volta e só vêm rostos cobertos por máscara da mais cruel indiferença.

Mas a verdade é outra. E eu quero pedir a você que se aproveite dessa verdade que eu aceitei, e que trouxe uma grande paz à minha mocidade, uma imensa paz no seio mesmo do sofrimento.

Eu quero pedir a você que me abra o seu coração.

Quando o mundo lhe parecer hostil e você encontrar em cada ser humano um inimigo: me abra o seu coração.

Abra o seu coração quando aquele ou aquela que você ama lhe parecer distante, e você sentir que periga o seu amor.

¹¹ Tradução livre da língua espanhola para a portuguesa. Original: “Esses usos del escribir subjetivo y existencial, de configuración de la identidad privada y ao mesmo tempo de la memoria colectiva, nos conducen al fenómeno que se há venido denominando como escrituración de lo cotidiano” (BLAS, 2003, p. 30)

Quando você sentir incompreensão dos seus com relação aos problemas do seu tempo, quando você falar e não for ouvido, quando o que você ouvir lhe parecer tão horrível que nada mais lhe reste de esperança: abra o seu coração.

Quando, nos grandes dias de sol, as ruas lhe parecerem vazias de homens, quando tudo lhe parecer inútil e sem perspectiva: abra o seu coração.

Escreva-me uma carta. Eu a responderei fielmente. E nessa resposta, procurarei restituir a você essa esperança que você julga perdida.

Creia-me sua amiga, meu triste leitor, minha inconsolável leitora. Eu estou aqui para ajudar, para ouvir, para compreender.

Helenice

(*Flan*, 12-19 abr. 1953. Abra o seu coração, p. 10)

Já na primeira publicação, Helenice finaliza de modo afetuoso, criando vínculos de amizade com o leitor: “Creia-me sua amiga, meu triste leitor, minha inconsolável leitora. Eu estou aqui para ajudar, para ouvir, para compreender.”

Ao assumir a função de conselheira e dialogar com o seu público, Helenice representa a idealização de uma mulher que passou por amarguras reais, conhece as verdades da vida e as dores do desamor; ainda assim supera possíveis adversidades ao encontrar seu verdadeiro amor e se casar, como expresso na correspondência abaixo.

IGNOTO – Porto Alegre – “... uma incurável tristeza, que me leva cada vez mais às bordas do suicídio...”

Eu o compreendo tanto, Ignoto... Esta sua amiga aqui já sofreu do mesmo mal e, se tempo andasse quinze anos para trás e nossos papéis se invertessem seria você quem receberia uma carta da qual constaria a triste frase acima.

Não posso lhe dizer exatamente como venci a minha tristeza, Ignoto, mas foi provavelmente a luta mais dura que já tive no mundo. Nada tinha graça para mim. Acordava já com a sensação da inutilidade do dia a vencer e deitava-me com a de nada ter feito de bom. A cinza das horas, de que fala o poeta Manuel Bandeira, parecia cobrir-me tôda. [...]

Depois, aconteceu-me um amor, êsse mesmo que guardo fielmente até hoje. Foi a cura. Daí em diante passei a abençoar cada dia que passa, e quando me lembro que, tivesse sido mais fraca, teria perdido tôda essa felicidade que me esperava, confesso a você que fico horrorizada. (*Flan*, 25-31 out. 1953. Abra o seu Coração, p.37)

Nesse sentido, a felicidade feminina está condicionada ao matrimônio e a esperança no amor, afinal “O grande sentimento de quem ama deve ser o da esperança.”¹²

¹² *Flan*, 11-17 out. 1953. Abra o seu Coração, p.45

Sobre ser colunista, em um semanário, a conselheira relata: “Emociona-me pensar que serei a destinatária de dolorosas confidências, aquela para quem se voltam as necessidades de amor, de esperança, de fé e de consolo”¹³. O trecho “Foi o fato de sofrê-las que me deu o dom de ajudar o meu semelhante” justifica que as qualificações da conselheira para ocupar o cargo de colunista não são vistas como profissionais, mas entendidas tal qual uma missão, um ato de caridade.

Considero minha missão aqui nessa coluna tão importante quanto a do psicanalista que, em estreita comunhão com a neurose ou a psicose humanas, procura a brecha por onde insinuar a palavra afirmativa, o conselho redentor, a ordem clara e incisiva que vá lançar um raio de luz nesse poço de trevas. (*Flan*, 12-19 abr. 1953. Abra o seu coração, p. 10)

Ao dedicar-se a “seu dever jornalístico”, Helenice não perde de vista seu compromisso com sua família. Trabalha em casa.

Da minha mesa de trabalho vejo a sala, meu marido que brinca com nosso pequenininho, e lá adiante pela janela aberta, a noite grande se estende sobre milhões de seres felizes e infelizes. Esses últimos precisam de mim – e eu aqui estarei, fiel a meu dever jornalístico e humano, para dizer as palavras que necessita ouvir (...) (*Flan*, 19-25 abr. 1953. Abra o seu Coração, p.10)

A religiosidade cristã da conselheira está presente em várias prescrições, a exemplo dos trechos apontados abaixo.

Religiosidade		
Nº	Data	Citação
1	12/abr	Sei que às vezes o pensamento daquele que sofre só encontra consolo na idéia de Deus ou da morte!
4	03/mai	E o pior não é isso: tantos seres desgraçados por fraqueza, por falta de energia moral, por vaidade, por deserção
4	03/mai	Se eu vos pudesse falar do milagre das ressurreições, da misteriosa flor que brota dentro da noite quando tudo parece perdido, irremediavelmente perdido... Se eu pudesse vos dizer dos caminhos da esperança, e das grandes novas paisagens aonde eles vão dar... Se eu vos pudesse dizer: não perdi nunca a fé na vida...

¹³ *Flan*, 19-25 abr. 1953. Abra o seu Coração, p.10

4	03/mai	A única lei que proíbe o Sr. de se suicidar é a lei da vida. A vida existe porque o Sr. existe. O Sr. é o único criador de vida, homem, ser fecundo, capaz: de multiplicar e de fazer crescer vida na terra.
4	03/mai	Meu caro Companheiro da Triste Sorte, o que o Sr. precisa antes de tudo é encontrar os caminhos da esperança. E como? Através da fé. Não a fé religiosa, mas fé no Sr. mesmo. É terrível!
4	03/mai	Ah, meus queridos correspondentes, se eu vos pudesse dizer da beleza da vida, da plenitude dos sentimentos, da coragem de viver... Se eu vos pudesse falar do milagre das ressurreições, da misteriosa flor que brota dentro da noite quando tudo parece perdido, irremediavelmente perdido... Se eu pudesse vos dizer dos caminhos da esperança, e das grandes novas paisagens aonde eles vão dar... Se eu vos pudesse dizer: não perdi nunca a fé na vida...
7	24/mai	Eu conheço muito as pessoas como você, que afivelam a máscara do cepticismo sôbre um rosto bastante “crente” para poder viver e ir levando.
12	28/jun	Jesus Cristo disse que para êle foi feito o reino dos céus. Êle é o único ser que realmente mete medo.
20	23/ago	Não seria muito mais razoável, lógico, decente, humano e mesmo “cristão” que uma criatura como você se divorciasse desse indivíduo indesejável?
28	18/out	Como você se diz bom católico, pergunte a um padre inteligente, de mentalidade moderna e arejada. Sonhar nunca foi pecado.
29	25/out	Não, Ignoto. Sua vida – a vida do ser humano – é a coisa mais sagrada que há no mundo.

Tendo analisado os 30 números do semanário *Flan* em que a coluna assinada por Helenice foi publicada, não foi verificada menção à instrução escolar formal da conselheira. Contudo, há indicações de sua relação com a leitura. No quadro abaixo, denominado Biblioteca da Helenice, estão organizados trechos em que a conselheira menciona autores e obras de seu interesse¹⁴.

¹⁴ Foi feito um esforço para localizar autores e gêneros quando não informados.

Biblioteca da Helenice				
Nº	Data	Citação	Gênero	Autor
3	26/abr	“O’ vós que vos propondes a consolar os tristes e a mitigar um pouco a dor dos que sofrem, sabeis que é esta missão mais árdua e ingrata de quantos podem abraçar os Apóstolos do Bem que se esforçam para varrer a face da Terra a semente do sofrimento, da miséria e da sorte”	N.id.	N.id.
3	26/abr	(...) como o poeta francês Baudelaire, fizeram do tédio o ‘spleen’, um motivo de inspiração e uma ilha onde situar a própria vaidade e desencontro (...)	Poético	Baudelaire
6	17/mai	Como é possível alguém se surpreender com os romances de Kafka, as peças de Shakespeare ou as histórias de Nelson Rodrigues, quando uma carta, uma simples carta, coloca diante de mim uma situação como a que passo a expor abaixo (...)	Literario	Kafka
6	17/mai		Teatral	Shakespeare
6	17/mai		N.id.	Nelson Rodrigues
7	24/mai	Sim, meus caros confidentes, o pior de tudo é a poeira do tédio, a poeira impalpáveis do tédio, a “cinza das horas” que deu título a um livro do poeta Manuel Bandeira	Poético	Manuel Bandeira
8	31/mai	Mas me parece tão remoto o Sr. me dizer, em cartas datada de abril de 1953, que é um seguidor de PITHAGORAS (escrito assim com “h” e em maiúsculas) que, francamente, não sei o que lhe retrucar. Considero estimável que o Sr. seja um apaixonado da verdade – mas porque a verdade de Pitágoras?	N.id.	Pitágoras
8	31/mai	O Sr. já ouviu falar de Jânio Quadros, Sr. Andrews Carey? No senador McCarthy? No presidente Perón? Em ferro elétrico, matéria plástica, cinerama, bomba atômica, sistema crediário?	Jornalístico	N.id.
8	31/mai	Que têm mai Platão, Sócrates ou o iniciado Malireya a ver com o nosso	N.id.	Platão
8	31/mai		N.id.	Sócrates

8	31/mai	drama de mundo?	N.id.	Malireya
9	07/jun	CURIOSO como o espelho dos dias mostra o que vai na alma humana – malgrado o noticiário policial dos jornais, atualmente não chegando nem as encomendas. O espelho dos dias mostra homens se agitando na luta cotidiana, mulheres entregues a seus afazeres, a agitação do tráfego, o entrecruzamento constante de conhecidos e desconhecidos : mas não revela nem por sombra os terríveis sumidouros existentes em cada unidade da multidão, os torvos pélagos que vão no espírito daquele pai de família, o drama da caixeira que vai ao nosso lado na lotação (...)	Jornalístico	N.id.
11	21/jun	“Quanta gente que ri, talvez, consigo guarda um atroz, recôndito inimigo como invisível chaga cancerosa” disse o poeta.	Poético	Raimundo Correa
11	21/jun	Não há perigo meu caro Napoleão. Você terá o Marengo sem nunca chegar a ver o Waterloo dos seus cabelos.	História Geral	
12	28/jun	O poeta Noel Rosa já disse que pão de pobre cai sempre com a manteiga virada pra baixo.	Poético	Noel Rosa
17	02/ago	O homem não é, em si, o lobo do homem: mas os desnivelamentos sociais e econômicos, a luta pela sobrevivência e a necessidade de se afirmar dentro de um meio hostil o fazem frequentemente passar por tal. Num mundo de lobos, o cordeiro evidentemente, não tem vez.		Thomas Hobbes
18	09/ago	(...) estou falando daquela espécie de amor, que, segundo o poeta, é o “amor que move o sol e outras estrelas...”.	Poético	Dante Alighieri
22	07/set	Acho indispensável que você pegue o seu Don Juan a jeito e tenha com êle uma séria conversa.	Literário	José Zorilla
29	25/out	A cinza das horas, de que fala o poeta Manuel Bandeira, parecia cobrir-me tôda.	Poético	Manuel Bandeira

Tendo em conta o quadro Biblioteca da Helenice podemos observar a predominância do interesse pelos gêneros poético e literário. Ademais, a partir dele podemos inferir que Helenice é uma leitora de jornal e não de revistas femininas; uma vez que sequer menciona alguma. A conselheira interessa-se por filosofia, lê o noticiário e está atenta às questões políticas da atualidade.

Quanto ao gosto musical foram referenciados apenas dois artistas ligados ao samba, a música popular. Em acréscimo, também foi mencionado o compositor Noel Rosa, contudo como poeta.

Gosto Musical			
Nº	Data	Música	Artista
13	05/jul	Tristezas não pagam dívidas, dizia o velho samba carioca	Francisco Alves
14	12/jul	A verdade é que é melhor uma cabeleira basta que um besta numa. A contrapor a glamorosa marchinha, há também o verso do samba que diz que “pente de careca é mão”,	Linda Batista

Na tabela abaixo tentamos destacar as localidades mencionadas pela conselheira de modo a refletir sobre as relações que ela estabelece com a cidade.

Lugares e Viagens			
Nº	Data	Citação	Lugares
2	19/abr	Eu tive uma amiga, quando eu estava na França, há uns seis anos atrás, que tinha exatamente o seu complexo.	França
8	31/mai	Os bairros reconquistam seu perfume: cheiro de mato na Gávea e no Cosme Velho; cheiro de mar em Copacabana, Ipanema e Leblon; cheiro de vida familiar em Botafogo...	Gávea
8	31/mai		Cosme Velho
8	31/mai		Copacabana
8	31/mai		Ipanema
8	31/mai		Leblon
8	31/mai		Botafogo
8	31/mai	No entanto, apesar dos céus, apesar dos ares, vi um homem morrer de fome na Praça da República, ali mesmo na ilha de tráfego onde se	Praça da República

		espera os bondes.	
12	28/jun	Um luminoso dia de junho serve de mortalha aos mortos do pavoroso incêndio de São Paulo.	São Paulo

Observam-se profícuas relações com a Zona Sul do Rio, com destaque à “vida familiar em Botafogo”. Helenice expressa certa sensibilidade ante as transições da cidade e seus habitantes, além de condolência aos atingidos pelo trágico incêndio em São Paulo.

CONCLUSÃO

Neste artigo intentamos tecer o perfil da conselheira Helenice a partir das pistas percebidas nas cartas publicadas no semanário *Flan*, isto é, a correspondência trocada com seus leitores. Desse modo, a correspondência, seja ela manuscrita, datilografada ou digitada; pessoal ou profissional, em suas especificidades permite identificar os relacionamentos que o autor estabeleceu ao longo de sua vida. Detalhes como o tratamento dispensado entre as partes, o discurso e a frequência da troca de cartas, podem indicar, dentre outros aspectos, o grau de intimidade entre os correspondentes. Portanto, com certa cautela pertinente ao trabalho do historiador, a fonte epistolar pode ser compreendida como privilegiada fonte de análise de relações pessoais e profissionais, sentimentos e paixões entre outros temas (BASTOS, CUNHA; MIGNOT, 2002).

Nesse sentido, a coluna *Abra o seu coração* permite-nos um olhar privilegiado quanto às transformações que afetaram a vida privada da segunda metade do século XX, uma vez que, a partir de testemunhos, podemos repensar o espaço em que a vida privada se insere naquele momento. A respeito disso Gomes (2004) assinala:

(...) a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua verdade”. (...) O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento (GOMES, 2004, p. 14).

Mais ainda, com a análise das cartas publicadas é possível perceber em Helenice a representação de uma mãe dedicada à vida familiar; assim como uma esposa comprometida com seu lar. Religiosa, conselheira amiga, leitora de clássicos, com gosto pela música popular, pelo samba; e ainda colunista de um notório jornal de projeção nacional na década de 1950. Desse modo, vale, portanto, ressaltar que se trata de um momento em que ainda poucas mulheres tinham voz na imprensa. Seu trabalho representava um compromisso social, uma missão de acalentar os corações necessitados.

Ao ressaltar tais características na construção desse heterônimo é possível pensar o modelo de mulher idealizado pela mídia no início dos anos 1950 e, desse modo, interrogar e desnaturalizar o que é “ser mulher”; o que representa a felicidade, o trabalho e a família nesse período.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Indivíduo e biografia na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. [5]f.

ARAÚJO, Marta Milene Gomes de. *Clarice Lispector e seu papel como cronista: da futilidade das páginas femininas à epifania do texto literário*. [dissertação] Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Letras: 2011.

BASTOS, Maria Helena Camara; Cunha, Maria Tteresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio . Laços de papel. In: BASTOS, Maria Helena Camara; Cunha, Maria Tteresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs.). *Destino das letras: história da educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: Editora UPF, 2002.

BLAS, Verónica Sierra. *Los manuales epistolares: entre el uso y La representeción*. In: BLAS, Verònica Sierra. *Aprender a escribir cartas: los manuales epistolares em La España contemporânea (1927- 1945)*. Madrid: Ediciones Trea, 2003.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1986

CASTELLO, José. *Vinicius de Moraes. uma geografia poética*. Rio de Janeiro: Relume, 2005.

CASTELLO, José. *Vinicius de Moraes O poeta da paixão: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras. 2013.

FERRAZ, Eucanaã. *Folha explica: Vinicius de Moraes*. São Paulo: Pubilifolha, 2008.

- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- CHARTIER, Roger. Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). *Roger Chartier, a força das representações: história e ficção*. Chapecó: Argos, 2011. p. 21-54.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2011.
- GOLDENSTEIN, Gisela Taschner. *Do jornalismo Político à Indústria Cultural*. São Paulo: Summus, 1987.
- GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- QUELER, Jefferson José. Do consumidor de mercadorias ao leitor de jornal: peculiaridades da indústria cultural nas páginas do semanário *Flan* (1953-1954). *Topoi*, v. 14, n. 26, jan./jul. 2013, p. 105-118
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. São Paulo: Edições Graal: 2012.
- MARTINS, Ana Luisa; LUCA, Tânia Regina de (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto 2008.
- MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Embaixador do Brasil*. Brasília, 2007.
- SIQUEIRA, Carla. Sensacionalismo e Retórica Política em *Última Hora, O dia e Luta Democrática* no segundo governo de Vargas (1951-1954). In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, 2006.
- VENÂNCIO, Gisele Martins. De Lobato a Vianna: os fios que tecem uma surpreendente amizade. *X Encontro de História – ANPUH-RJ. História e Biografias*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002.
- WAINER, Samuel. *Minha Razão de Viver: Memórias de um Repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- ZECKLINSKI, Beatriz Polidori. *Imagens do Casamento e do Amor em Nelson Rodrigues: um estudo das representações de gênero na literatura publicada em jornal entre 1944 e*

1961. [dissertação] Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Curso de Pós-Graduação em História; 2006.

Online

<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/vida> (Arquivo consulado em: 08 de abril de 2016).

Fontes

Flan, 12-19 abr. 1953. Abra o seu Coração, p.2
Flan, 19-25 abr. 1953. Abra o seu Coração, p.10
Flan, 26 abr – 03 mai. 1953. Abra o seu Coração, p.10
Flan, 03-09 mai. 1953. Abra o seu Coração, p.10
Flan, 17-23 mai. 1953. Abra o seu Coração, p.10
Flan, 24-30 mai. 1953. Abra o seu Coração, p.10
Flan, 31 mai.-06 jun. 1953. Abra o seu Coração, p.10
Flan, 07-13 jun. 1953. Abra o seu Coração, p.10
Flan, 21-27 jun. 1953. Abra o seu Coração, p.10
Flan, 28 jun. – 04 jul. 1953. Abra o seu Coração, p.10
Flan, 05-11 jul. 1953. Abra o seu Coração, p.1)
Flan, 12-18 jul. 1953. Abra o seu Coração, p.1)
Flan, 02-08 ago. 1953. Abra o seu Coração, p.1)
Flan, 10-16 ago. 1953. Abra o seu Coração, p.1)
Flan, 23-29 ago. 1953. Abra o seu Coração, p.10
Flan, 07-13 set. 1953. Abra o seu Coração, p.10
Flan, 11-17 out. 1953. Abra o seu Coração, p.45
Flan, 18-24 out. 1953. Abra o seu Coração, p.45
Flan, 25-31 out. 1953. Abra o seu Coração, p.45